

Afetividade na Tutoria em Cursos a Distância: Impactos na aprendizagem

Vanessa Battestin Nunes^{1,2}, Isaura Alcina Martins Nobre^{1,2}, Jussara Martins Albernaz², Hiran Pinel²

¹Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)
Rodovia ES-010 - Km 6,5 – Manguinhos – 29.164-231 - Serra – ES – Brasil

²Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)
Av. Fernando Ferrari - 514 - 29075-910 - Vitória - ES – Brasil
isaura,vanessa@ifes.edu.br, albernazjm@gmail.com, hiranpinel@ig.com.br

Eixo Temático: Eixo 1 - Pesquisa em Pós-Graduação em Educação e Práticas Pedagógicas.

Categoria: Comunicação.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo tratar sobre o impacto da afetividade na aprendizagem, em particular na Educação a Distância (EaD), em que o ensino e o aprendizado se dão em lugares e tempos diferentes. Trataremos especialmente da afetividade na tutoria a distância, que caracteriza a forte mediação do processo de ensino/aprendizagem na EaD. Elencaremos atribuições que consideramos necessárias para junção dos aspectos afetivos e cognitivos no trabalho da tutoria e mostraremos um estudo de caso com comparativos entre o resultado obtido pelos tutores na avaliação feita pela professora de uma disciplina e o desempenho das turmas por eles tutoradas, buscando identificar na prática essa relação entre afetividade e cognição.

Palavras-chave: Afetividade, Aprendizagem, Educação a Distância.

1. INTRODUÇÃO

Se perguntarmos a diferentes educadores quais os maiores problemas que eles enfrentam em sala de aula, as respostas podem variar muito, mas em geral elas passam pela questão da aprendizagem, ou melhor, da dificuldade de aprendizagem.

Obviamente são muitas as questões que impactam direta ou indiretamente na aprendizagem, dentre as quais podemos citar: se a escola tem estrutura adequada; se os professores têm domínio do conteúdo das disciplinas; se os alunos têm local próprio para os estudos; se têm acesso a livros etc. Essa lista pode crescer imensamente. Mas não é nosso objetivo aqui discutir todas as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem. Vamos focar em um aspecto específico, que acreditamos influenciar também na aprendizagem e que muitas vezes é negligenciado - a **afetividade**.

Em especial, focaremos na importância de estabelecer afetividade na Educação a Distância (EaD), visando favorecer a aprendizagem, o que torna o tema ainda mais complexo, uma vez que alunos e professores se encontram fisicamente separados. Daremos ênfase ao papel do tutor a distância, que é o grande mediador deste processo, quem interage mais frequentemente com os alunos, e assim, quem tem grande impacto sobre sua aprendizagem.

A seguir, mostraremos os resultados de um estudo feito no CEAD/Ifes (Centro de Educação a Distância do Instituto Federal do Espírito Santo), em que foi elaborada uma lista de atribuições para os tutores a distância, que integram aspectos afetivos e cognitivos. Serão, então, discutidos os resultados da avaliação dos tutores a distância de uma disciplina, com relação aos resultados obtidos pelas turmas e algumas destas atribuições que envolvem aspectos afetivos.

2. AFETIVIDADE E COGNIÇÃO

Há muitos anos, diversos pensadores postularam uma dicotomia entre razão e emoção, como é o caso de Descartes, com sua famosa afirmação “Penso, logo existo”, que não apenas sugere a possibilidade de separação entre razão e emoção, como dá valor de excelência ao pensamento. E essas premissas permanecem vivas até os dias atuais, muitas vezes traduzidas sob metáforas que ouvimos frequentemente: "não aja com o coração", "coloque a cabeça para funcionar", "seja mais racional". Nessa perspectiva, parece que para uma pessoa tomar decisões corretas é necessário que ela se desvincule dos próprios sentimentos (ARANTES, 2003).

Essa dicotomia se alastrou pela psicologia, onde pesquisadores estudavam separadamente os processos cognitivos e os afetivos, seja por dificuldade em estudá-los de forma integrada, seja por realmente acreditar nessa separação. Podemos citar os cientistas comportamentais, que centravam seus estudos apenas nos comportamentos externos dos sujeitos e, portanto, relegando a um segundo plano experiências mais subjetivas, como a das emoções. Da mesma forma, algumas outras teorias privilegiavam os aspectos afetivos e/ou inconscientes

nas explicações dos pensamentos humanos, dedicando um papel secundário aos aspectos cognitivos. Porém, alguns trabalhos, como os que encontramos em Arantes (2003), questionam esse dualismo e vão na direção da integração entre cognição e afetividade, razão e emoção.

Um dos primeiros autores a questionar as teorias que tratavam afetividade e cognição como aspectos separados foi Jean Piaget. Ele enfatiza que existe um paralelo entre a vida afetiva e a intelectual. “Afetividade e inteligência são, assim, indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana” (PIAGET, 1986).

Desta forma, quando falamos de aprendizagem, sob a perspectiva piagetiana, fica-nos claro que a afetividade está relacionada ao interesse da pessoa em aprender, em buscar a solução para um problema.

Na abordagem psicanalítica, o aprender envolve a relação professor-aluno, pois aprender é aprender com alguém. A importância que Freud dava à relação de afetividade entre professor e aluno fica bem expressa no artigo “Algumas reflexões sobre a psicologia escolar”, em que afirma (apud PESSOA, 2000):

É árduo decidir se o que nos afetou mais e foi de maior importância foi nosso interesse pelas ciências que eram ensinadas ou pelas personalidades de nossos professores. É verdade, pelo menos, que este segundo interesse constituiu uma perpétua corrente oculta em todos nós e que, em muitos de nós, o caminho às ciências passava apenas através de nossos professores.

E complementa dizendo que “o professor pode, assim, abrir o caminho para a aprendizagem, se responder satisfatoriamente à expectativa da criança ou pode bloquear-lhe o caminho despertando na criança medo e ódio dele e, deste modo, do conhecimento a ser adquirido”.

Outro teórico que trabalhou com a integração entre afeto e cognição foi o psicólogo Lev Semenovich Vygotsky, que menciona explicitamente que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro. Ele afirma que (1996):

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos.

Conforme cita Oliveira (1992), para Vygotsky, o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva.

Uma das ideias mais difundidas de Vygotsky é a que os processos mentais superiores

são mediados por sistemas simbólicos, como a linguagem. O significado ocupa lugar central em suas análises, uma vez que proporciona a mediação entre o indivíduo e o mundo real e constitui-se no filtro através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele. Vygotsky distingue dois componentes do significado da palavra: o "significado" (referente ao sistema de relações objetivas que se forma no processo de desenvolvimento da palavra) e o "sentido" (referente ao significado da palavra para cada pessoa). Este último está relacionado às experiências individuais, em que residem as vivências afetivas. Assim, pode-se ver que no próprio significado da palavra encontra-se uma concretização de sua perspectiva integradora dos aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicológico humano (OLIVEIRA, 1992).

Um dos teóricos que mais contribuiu na questão da afetividade foi Henri Wallon. Para ele, uma pessoa completa é constituída através da integração de três subconjuntos funcionais – motor, afetivo e cognitivo. A atividade emocional é vista como complexa e paradoxal: “ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza; realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social” (DANTAS, 1992).

Na sua Teoria das Emoções, Wallon aborda a emoção como a exteriorização da afetividade, um fato fisiológico nos seus componentes humorais e motores e, ao mesmo tempo, um comportamento social na função de adaptação do ser humano ao seu meio. São instantâneas e diretas e podem expressar-se como verdadeiras descargas de energia.

Conforme cita Dourado e Prandini (2001), a afetividade walloniana evolui conforme as condições maturacionais de cada pessoa e com formas de expressões diferenciadas, que se configuram como um conjunto de significados que o indivíduo adquire nas relações com o meio, com a cultura, ao longo da vida. A afetividade corresponde, assim, à energia que mobiliza o ser em direção ao ato, enquanto a inteligência corresponde ao poder estruturante que o modela a partir dos esquemas disponíveis.

Assim como esses autores, enxergamos a afetividade integrada à cognição. E apesar de não podermos classificar concretamente nossos sentimentos e emoções, podemos vislumbrar dois aspectos: o primeiro (positivo) é o caráter prazeroso proporcionado pela afetividade, o que nos dá motivação, interesse, nos impulsiona à descoberta, nos faz agir visando o desenvolvimento, o crescimento e não a destruição. E o segundo aspecto (negativo), que é o poder que a afetividade tem de se sobrepor ao raciocínio e ao conhecimento em diversas situações, especialmente nas situações novas e difíceis.

3. AFETIVIDADE NA EAD

Quando tratamos de educação, estamos preocupados com o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, em como a afetividade afeta de forma positiva ou negativa

o aprendizado. Mas no ambiente escolar essa aprendizagem não ocorre de forma individualizada e sim a partir de um intenso processo de interação entre pessoas (alunos, professores, coordenadores, pessoal da limpeza etc.).

Vygotsky (1994) destaca que o outro tem grande importância não apenas na construção do conhecimento, mas também na constituição do próprio sujeito e na sua forma de agir. Ele nos traz então duas idéias fundamentais: a internalização e a mediação.

Para ele, o processo de desenvolvimento do ser humano dá-se “de fora para dentro”, isto é, primeiramente o indivíduo realiza ações externas, que serão interpretadas pelas pessoas ao seu redor, de acordo com significados culturalmente estabelecidos (internalização). A partir disso é que será possível para o indivíduo atribuir significados às suas próprias ações e desenvolver processos psicológicos internos que podem ser interpretados por ele próprio a partir de mecanismos estabelecidos pelo grupo cultural (OLIVEIRA, 2009).

Conforme a autora, Vygotsky também nos chama atenção para o fato de que para compreender adequadamente o desenvolvimento de uma pessoa, devemos considerar não apenas o seu nível de desenvolvimento real, ou seja, o que ela consegue fazer sozinha, mas também o seu nível de desenvolvimento potencial, isto é, a sua capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de alguém (através da mediação). Entretanto, a capacidade de se beneficiar da colaboração de outra pessoa vai ocorrer num certo nível de desenvolvimento, mas não antes. Vem daí o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que se refere ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que, depois, se tornarão funções consolidadas. Ou, seja, é aquilo que uma pessoa consegue fazer hoje com a ajuda de alguém e que conseguirá fazer sozinha amanhã.

É na ZDP que a interação com outros indivíduos é mais transformadora. Assim, o professor tem o papel explícito de interferir nesta zona, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. Da mesma forma, os colegas de turma também têm papel fundamental.

Nas palavras do grande educador Paulo Freire (1983),

Se a educação é dialógica, é óbvio que o papel do professor, em qualquer situação, é importante. Na medida em que ele dialoga com os educandos, deve chamar a atenção destes para um ou outro ponto menos claro, mais ingênuo, problematizando-os sempre.

Mas para que a aprendizagem ocorra, é necessário haver um ambiente favorável. Segundo Tassoni (2000), as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito, compreensão, aceitação e valorização do outro. Esses sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto do conhecimento, como também afetam a sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

Além disso, no momento em que os alunos despertam afeto e consideração pelo outro,

as relações interpessoais tendem a se tornar mais estruturadas e colaborativas.

A escola deve, então, desenvolver uma prática em que tanto os aspectos intelectuais quanto os aspectos afetivos estejam presentes. Os educadores devem estimular momentos afetivos positivos, visando ao interesse e à motivação dos alunos nas atividades escolares. O reconhecimento pelo esforço do aluno, o elogio pelo seu trabalho, a adequação de tarefas às suas possibilidades, o fornecimento de meios alternativos de aprendizagem, a atenção às suas dificuldades, o respeito pelas suas ideias, constituem-se formas positivas de vinculação afetiva.

Da mesma forma, os educadores devem saber lidar com os momentos de tensão, de angústia, preocupação, raiva, tentando minimizar seu impacto negativo. Devem saber ouvir e encaminhar os alunos na busca de soluções de suas dificuldades, amenizando ansiedades, transmitindo segurança e tranquilidade, e encorajando o aluno a investir nas suas atividades.

Na EaD essa discussão vai ainda além, devido a outros papéis que surgem no processo de ensino-aprendizagem e ao uso de diferentes recursos tecnológicos, o que pode tornar o aprendizado mais prazeroso, como também pode deixá-lo mais complexo e sem foco.

O professor na EaD é aquele que produz o material e as atividades da disciplina e a gerencia durante sua execução. Cabe a ele criar um ambiente no qual os alunos aprendam a relacionar os materiais às suas próprias vidas, transformando-os em conhecimento pessoal. Ele deve criar atividades em grupo, que incentivem a socialização, a colaboração e a cooperação (MOORE E KEARSLEY, 2008).

Porém, o principal mediador do processo de ensino-aprendizagem na EaD é o tutor. Ele é o professor que atua diretamente com os alunos, ainda que a distância, sanando suas dúvidas, avaliando-os, tentando identificar as dificuldades de cada um e auxiliando-os sempre que necessário.

Gonzalez (2004) destaca que o tutor deve estar presente de modo afirmativo e marcante, mesmo que não esteja fisicamente ao lado do aluno. Assim, espera-se que ele, além de possuir domínio da política educativa da instituição onde está inserido e conhecimento atualizado das disciplinas sob sua responsabilidade, exerça uma sedução pedagógica adequada no processo educativo, como forma de cumprir a contento a nobre missão de educar a distância.

O tutor deve investir na construção de uma relação de respeito e confiança, buscando despertar o amor para o conteúdo, visando a superação dos obstáculos encontrados pelo aprendiz. É essencial que ele exerça sua práxis em duas direções: valorização das necessidades do aluno tanto quanto aos conteúdos de ensino (Gonzalez, 2004).

Segundo Moore e Kearsley (2008), o tutor deve também ser capaz de identificar emoções e lidar com elas, além de buscar maneiras para proporcionar apoio motivacional para aqueles que precisam, mantendo contato regular com os alunos durante todo o curso.

Se o aluno não sentir confiança no tutor, se ele se sentir desamparado ou se o tutor não

lhes der os caminhos necessários para seu aprendizado, poderá ficar desestimulado, o que pode ocasionar um desempenho ruim e até mesmo a evasão.

4. ATRIBUIÇÕES DA TUTORIA RELACIONADAS A AFETIVIDADE

Tutorar alunos a distância certamente não é tarefa fácil e exige que os tutores tenham uma série de atribuições para trabalharem em prol da aprendizagem e da educação.

Por exemplo, o tutor deve ser próativo e estabelecer diversos mecanismos para se comunicar com seus alunos e conhecê-los mais profundamente. Só assim terá condições de identificar mais a fundo as suas dificuldades; de dar sugestões que efetivamente apoiem o aluno e estejam contextualizadas com sua realidade, ao invés de enviar mensagens genéricas, de pouca utilidade; de oferecer possibilidade de um verdadeiro diálogo, abrindo espaço para confiança e cooperação, uma vez que estará demonstrando interesse pelo aluno.

O tutor deve: ter domínio da disciplina e das ferramentas que utiliza, mostrando atalhos, caminhos alternativos, sugerindo materiais auxiliares; ter comportamento ético, ser paciente e amigável; saber ouvir as diferentes opiniões e saber contribuir nas dúvidas que surgirem; identificar as dificuldades de seus alunos e lhes dar feedbacks constantes com relação a seu desempenho etc.

Com base nisso, na análise documental de alguns trabalhos relativos à tutoria e da experiência em cursos a distância no Ifes, elaboramos no CEAD/Ifes uma lista de atribuições necessárias à tutoria, como podemos ver em Nunes et. al (2009). Aqui, entretanto, daremos destaque às atribuições que consideramos mais relacionadas aos aspectos afetivos (Tabela 1).

Tabela 1. Atribuições da tutoria relacionadas a afetividade.

APOIO ACADÊMICO
1. Analisar os perfis dos estudantes no início do curso.
2. Manter registros acerca das atividades de cada aluno, incluindo trabalhos e provas, assim como de seus progressos e/ou regressos.
3. Fornecer informações acerca de recursos adicionais para os alunos que buscam aprofundar conhecimento sobre a disciplina.
4. Estimular os alunos, de forma agradável, por meio de comentários completos e construtivos.
5. Colocar-se a disposição para auxiliar e encorajar um aluno em dificuldade.
6. Esclarecer pontos que não foram entendidos ou corretamente aprendidos anteriormente.
7. Incentivar os alunos a fazerem perguntas.
8. Auxiliar os alunos a lidarem com questões não relacionadas com o conteúdo, mas que possam afetar a sua aprendizagem, por exemplo, conflitos entre estudos e trabalho e/ou estudos e família, gestão do tempo etc.
9. Auxiliar os alunos, fornecendo pistas para organizarem suas idéias, sugerindo fontes de informação adicionais ou alternativas e apresentando maneiras diferentes de analisar as questões.
10. Auxiliar os alunos a compreenderem as potenciais aplicações do conteúdo às suas áreas de interesses.

AVALIAÇÃO
11. Fornecer um <i>feedback</i> justo, dentro do prazo e útil aos alunos.
12. Comunicar aos alunos os pontos fortes e fracos e fazer encaminhamentos.
13. Corrigir todas as atividades presenciais e virtuais, dentro do prazo estipulado.
COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO
14. Manter contato regular com os alunos durante todo o curso.
15. Comunicar-se com os alunos de maneira clara, útil e gramaticamente correta.
16. Comunicar-se com os alunos de maneira respeitosa e amigável.
17. Esclarecer as dúvidas dos alunos prontamente, no prazo máximo de 24h, exceto nos sábados após às 13h, domingos e feriados previstos no calendário acadêmico.
18. Disponibilizar e cumprir horários de atendimento aos alunos através de comunicação síncrona (MSN e/ou SKYPE).

5. ESTUDO DE CASO – ANÁLISE DA AVALIAÇÃO DOS TUTORES A DISTÂNCIA X DESEMPENHO DAS TURMAS

O Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) iniciou em 2006 sua atuação na EaD, através do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (TADS), pelo projeto UAB (Universidade Aberta do Brasil). Neste mesmo ano foi criado o Centro de Educação a Distância (CEAD), com intuito de gerenciar os cursos a distância da instituição.

Uma equipe multidisciplinar foi formada para dar apoio ao CEAD, contando com vários papéis, entre eles: coordenador do curso – Responsável pelo gerenciamento do curso; coordenador de tutoria – apóia a coordenação de curso com relação à comunicação e interação com os tutores; professor – planeja e gerencia o processo de desenvolvimento da aprendizagem de certa disciplina; tutor a distância – orienta e acompanha as atividades dos estudantes através do ambiente colaborativo de aprendizagem, sanando dúvidas e corrigindo tarefas; tutor presencial – contribui com o acompanhamento dos estudantes nos polos presenciais.

O estudo de caso trabalhado neste artigo consiste na avaliação de tutores a distância, na ótica do professor, em uma disciplina do curso TADS, em que destacaremos os aspectos que envolvem afetividade. Os itens de avaliação considerados são os mostrados na Tabela 1.

A professora da disciplina fez a avaliação de cada tutor, conforme escala (de 1 a 5, sendo 1 referente ao menor desempenho e 5 ao maior) para cada atribuição. As linhas em verde na Tabela 2 referem-se aos tutores bem avaliados (notas 4 e 5). As em amarelo são os medianos (nota 3) e as em vermelho, são os tutores que tiveram pior desempenho (notas 1 e 2).

Vale ressaltar, que para fazer tal avaliação a professora contou também com opiniões de tutores presenciais e alunos, obtidos na maior parte das vezes através de análises de interações no ambiente de aprendizagem Moodle e através de conversas informais.

Após avaliar os tutores a distância, a professora fez uma análise com base em tal avaliação e nos resultados obtidos pela turma. Foi levado em consideração também que a disciplina avaliada apresenta frequentemente um alto índice de reprovação, mesmo nas turmas

do ensino presencial.

Tabela 2. Resultados das turmas tutoradas pelos tutores a distância avaliados.

Tutor à distância	Total de alunos	Alunos Aprovados			Alunos Reprovados			%de aprovação
		Boas notas (acima de 70)	Notas regulares (entre 60 e 70)	Total Aprovados	Por nota	Por falta	Total Reprovados	
Tutor 1	30	14	7	21	4	5	9	70
Tutor 2	18	5	6	11	5	2	7	61
Tutor 3	19	3	6	9	4	6	10	47
Tutor 4	19	7	2	9	4	6	10	47
Tutor 5	28	1	2	3	12	13	25	11
Tutor 6								
Tutor 7	20	11	0	11	5	4	9	55
Tutor 8	29	5	0	5	24	0	24	17
Tutor 9	30	0	5	5	17	8	25	17
Tutor 10	29	7	9	16	6	7	13	55
Tutor 11	20	0	0	0	9	11	20	0
Tutor 12	30	12	3	15	6	9	15	50
Tutor 13								
Tutor 14	13	0	1	1	10	2	12	8
Tutor 15	19	4	8	12	5	2	7	63

Podemos identificar na Tabela 2 que os quatro primeiros tutores, bem avaliados, tiveram turmas com médio a bons resultados. Foram tutores ativos, que estabeleceram maior vínculo com os alunos, que conheciam mais suas dificuldades e os problemas pessoais que podiam afetar seu aprendizado. Eles se colocavam à disposição, respondiam aos alunos com maior prontidão, mostravam caminhos alternativos para o assunto em questão e estimulavam os alunos a fazerem perguntas sobre suas dúvidas.

Uma tutora estabeleceu uma proximidade tão grande com os alunos que eles passaram a considerá-la também como amiga. Como diria Freire, ela efetivamente exercia sua função com amor e transparecia isso a seus alunos. As conversas entre eles demonstravam um carinho especial e ficava nítido como os assuntos da disciplina discorriam de forma natural, como se fosse parte de seu bate-papo casual. Parece que tudo era mais fácil pra eles do que para os outros que estavam estudando os mesmos conteúdos com outros tutores. Neste momento é fácil nos lembrar da frase de Freud quanto ao impacto que os professores, aqui no caso os tutores, têm no nosso aprendizado e no fato de gostarmos mais de algumas disciplinas do que de outras.

Os dois tutores seguintes da Tabela 2, também bem avaliados, apresentaram, porém, turmas com resultados ruins. Essa exceção fica por conta de problemas internos no polo de apoio presencial que afetaram diretamente o desempenho dos alunos, levando um grande número a evadir, já que muitos eram carentes e necessitavam do apoio do polo para fazer suas atividades.

Os aspectos afetivos podem também ser notados aqui, pois mesmo os alunos que persistiram, por terem computador e acesso a internet em casa, também tiveram desempenho ruim devido ao clima de descontentamento gerado pelos demais alunos e pelas pessoas que trabalhavam no polo. Isso causou desmotivação aos estudos e, assim, mesmo tópicos considerados simples, eram vistos por eles como extremamente complexos. A atuação dos tutores a distância parecia não surtir efeito. Os alunos criaram um bloqueio e não conseguiam alcançar o

nível de desenvolvimento necessário, não chegavam na Zona de Desenvolvimento Proximal (de Vygotsky), em que a mediação do tutor poderia lhes oferecer o apoio necessário para vencer seus desafios na disciplina.

Em relação aos tutores avaliados com desempenho regular, verificamos turmas com resultado pior, se comparado com os tutores anteriores. Apesar de haver duas turmas com desempenho regular, nota-se que em uma delas a maior parte dos alunos teve aprovação com notas regulares e não boas. Além disso, temos outras três turmas com desempenho muito ruim. De acordo com a professora, estes tutores eram realmente medianos em sua atuação. Não deixavam os alunos desamparados, mas não davam o apoio que eles necessitavam. Por exemplo, costumavam enviar mensagens genéricas a todos os alunos, não dando, muitas vezes, tratamentos individualizados. Alguns alunos acabavam não conseguindo associar os assuntos da disciplina com as suas vidas. Com isso, não ficaram envolvidos pelos seus tutores, não tinham uma forte aproximação, um vínculo maior que os estimulasse na disciplina.

Por fim, ao analisarmos o resultado dos quatro tutores que mais deixaram a desejar, percebemos um fato que pode ser enganador a primeira vista. Temos duas turmas com desempenho regular a bom e uma com desempenho muito ruim. Uma das turmas era constituída, em sua maioria, por alunos que já tinham curso superior e, portanto, alunos mais maduros e autônomos, que são os que tiravam as boas notas. Assim, a má atuação dos tutores a distância não prejudicou tanto o desempenho destes.

A outra turma que teve um resultado aparentemente bom, na verdade teve apenas quatro alunos aprovados com notas boas. A grande maioria não tinha nota suficiente para aprovação e apenas conseguiu nota mínima na prova final. Além disso, o tutor presencial, que tinha formação na área, supriu, em muitos momentos, a ausência do tutor a distância. Ele criou um vínculo com os alunos e deu motivação para que os mesmos persistissem. Assim, os aspectos afetivos influenciaram diretamente, mas ao invés do tutor a distância, esse apoio veio do tutor presencial, que incorporou algumas responsabilidades do tutor a distância, para ajudar a turma. Logo, os resultados dessas duas turmas não demonstram a realidade. Se não fossem as questões particulares ocorridas é bem provável que elas tivessem apresentado resultados tão insatisfatórios como a outra.

Os tutores a distância deste último grupo eram muito ausentes. Muitos alunos que enfrentavam dificuldades, especialmente as não relacionadas aos estudos, não tinham o apoio necessário e, após algumas insistências de contato com o tutor, acabaram desistindo da disciplina. Outro ponto que merece destaque aqui é que, enquanto o grupo de tutores bem avaliados conhecia profundamente seus alunos, muitos dos tutores que não tiveram boa avaliação não sabiam sequer os nomes de seus alunos, muito menos tinham conhecimento de suas realidades e suas dificuldades.

O caso desses últimos alunos nos lembra muito a teoria das emoções de Wallon. O desamparo a que eles foram submetidos, sem ter o apoio necessário para a construção de seu conhecimento, fez com que eles se tornassem tensos, nervosos e, muitas vezes, agressivos. Isso era nítido nas mensagens enviadas aos tutores, à professora e entre os próprios alunos.

A professora tentava auxiliar, mas, enquanto um tutor era responsável por 25 alunos, ela era responsável por 320, o que significa que sua ajuda era limitada. Os alunos se sentiam angustiados e isso atrapalhava o seu aprendizado. E, assim, precisavam mais dos tutores, que não atuavam a contento, o que gerava mais tensão e descontentamento. Vemos novamente o impacto marcante da afetividade na aprendizagem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de discutir sobre como a afetividade afeta diretamente a cognição e como ela se apresenta na EaD, especialmente na tutoria. Elencamos algumas atribuições para o bom desempenho da tutoria e que caracterizam mais fortemente a junção entre aspectos cognitivos e afetivos. Por fim, mostramos a avaliação dos tutores de uma disciplina, com base em tais atribuições, em que pudemos verificar uma relação entre o desempenho dos alunos e o envolvimento dos tutores em seu papel.

Como pudemos ver, turmas bem assessoradas tendem a ter melhores resultados do que aquelas onde o tutor esteja ausente ou tenha uma atuação deficiente como quando dá pouco incentivo aos alunos, quando fica longos tempos sem respondê-los, quando não dá um feedback construtivo, quando envia respostas genéricas, quando não conhece mais a fundo seus alunos, suas dificuldades e seus problemas.

Um dos pontos que ficou claro através dessa avaliação dos tutores, foi a necessidade de que ocorra de forma contínua e que sirva não apenas para ter verificar a atuação dos mesmos, mas principalmente visando a melhoria da tutoria, ou seja, identificando os problemas o quanto antes, para que seja possível dar soluções a tempo hábil.

Outro aspecto identificado é que a avaliação foi realizada apenas pela professora da disciplina e isso precisa ser expandido a outros atores do processo (tutores presenciais, alunos etc.). Da mesma forma, julgamos importante o próprio tutor se avaliar, para que possamos identificar a real percepção que tem quanto a sua atuação.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na educação.** In VIDETUR, n. 23. Porto/Portugal, Mandruvá, 2003. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>. Acesso em: 10/10/2010.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon.** In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo:

Summus, 1992.

DOURADO, Ione C. Pacheco; PRANDINI, Regina Célia A. Rego. **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. In: 24ª. Reunião Anual da Anped. Caxambu, 2001.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GONZALEZ, Mathias. **A Arte da Sedução Pedagógica na Tutoria em Educação a Distância**. In: 11º Congresso Internacional ABED de Educação a Distância (CIAED). Salvador – BA, 2004.

MOORE, Michael G; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

NUNES, Vanessa Battestin; Costa Junior, J.M ; Nobre, Isaura A. **Avaliação de pessoas na EAD através de um processo e um sistema de gestão de competências relato de experiência na avaliação de tutores a distância no Ifes**. In: 15o CIAED (Congresso Internacional ABED de Educação a Distância), Fortaleza – CE, 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **O problema da afetividade em Vygotsky**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Sipiione, 2009.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

PESSOA, Vilmarise Sabim. **A afetividade sob a ótica psicanalítica e piagetiana**. Publicatio UEPG – Ciências Humanas: 97-107, 2000. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/12/9>. Acesso em: 20/06/2010.

TASSONI, Elvira Cristina M. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor aluno**. Gt Psicologia da Educação, Anped, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.